

**RECEÇÃO AO CORPO DIPLOMÁTICO, NO ÂMBITO DAS
COMEMORAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS
COMUNIDADES PORTUGUESAS**

Ponta Delgada, 9 de junho de 2018

Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Em nome do Povo Açoriano, sejam todos bem-vindos ao Palácio de Sant'Ana, sede da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores, para celebrarmos Portugal.

Há quase 600 anos que aqui estamos e, desde o início, a evidência foi que, aqui, Portugal é diferente.

Nuns casos, por nós, noutros, por outros, aqui, Portugal é diferente.

Não esquecemos de onde viemos, nem ignoramos onde estamos.

Mas, sobretudo, sabemos quem somos.

A História e a Geografia deram-nos forma, mas é o “intenso orgulho na palavra Açor”, nas palavras de Sophia de Mello Breyner, que dá o sopro de vida a esta identidade que empunhamos.

E esse orgulho não é vazio, nem é vazio.

É, desde logo, o orgulho que pode ter, é o orgulho que tem quem aqui resiste.

A tempestades e a terramotos;

A vulcões e a piratas;

De quem já resistiu à fome, às pragas, à solidão e, em alguns casos, ao esquecimento;

Resiste e persiste, reconstruindo, reerguendo, refazendo.

Esse é o orgulho de quem tem uma aguda consciência de si próprio.

E essa aguda consciência de nós próprios – talvez por estarmos sós na vastidão do Atlântico ou, talvez, simplesmente, por em tantas voltas da vida, termos estado simplesmente sós -, é, no fundo, quase como que a chama eterna, o fogo sagrado que anima o Povo Açoriano.

E neste “intenso orgulho na palavra Açor” está também o orgulho do que demos e do que damos pelo nosso País.

Demos Presidentes da República, cientistas e militares;

Demos embaixadores, ministros e escritores;

Demos pensadores, políticos e poetas;

Demos Homens e Mulheres desconhecidos que, nas Américas e não só, pelo seu suor e pelas suas lágrimas, afirmaram e afirmam Portugal aí;

Demos guarida ao último reduto da nacionalidade e fomos ponto de impulso para as batalhas pela modernidade;

Demos homens e demos jovens que, por Portugal, deixaram a sua vida num qualquer campo de batalha, e que, mesmo quando aí não deixaram a vida, em muitos casos, deixaram partes de si próprios, do corpo ou do espírito.

E tudo isto fizemos sem nunca impormos condições nem moedas de troca.

Tudo isto fizemos “com um intenso orgulho na palavra Açor”.

E, se tudo isso demos no passado, hoje continuamos a dar.

Os Açores são terra de mar.

Damos dimensão estratégica e damos importância pela terra que temos e pelo mar que trazemos.

Nesta nova fronteira, que já suscita a cobiça de muitos, Portugal é o que é, porque os Açores são o que são.

Damos empenho e damos território na construção de pontes e parcerias para a paz, para a ciência e para o conhecimento.

Damos testemunho de uma Autonomia que foi, é e quer mais ser por causa dos desafios que já venceu, mas, sobretudo, por causa dos desafios que quer vencer.

Damos presença em áreas de vanguarda da exploração e do conhecimento espacial, reforçando a importância e a mais valia de Portugal.

E é por tudo isto, e por tanto mais, que não podem restar dúvidas que, aqui, Portugal é diferente.

E não queremos que deixe de ser Portugal, mas também não queremos que deixe de ser diferente.

Porque esta nossa diferença não nos diminui em nada.

Porque, no fundo, é esta nossa diferença, do que somos como Povo e como Região, que faz Portugal mais forte!

E é por tudo isto que hoje digo, que hoje podemos dizer,

Vivam os Açores!

Viva Portugal!